

## **Mulheres trabalhadoras no espaço informal em Florianópolis (final do século XIX e início do XX)**

Senaide Wolfart<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

[Sw17@bol.com.br](mailto:Sw17@bol.com.br)

**Resumo:** A proposta deste artigo configura o estudo sobre mulheres no espaço informal, apresentando a forma pela qual estas trabalhadoras inseridas numa sociedade excludente, através de políticas higienistas, se relacionam na sociedade Florianopolitana em vista das experiências de vida, lutas e conquistas no dia-a-dia, principalmente no trabalho. Utilizando a bibliografia existente sobre a temática e as memórias de mulheres no século XX através do uso de duas entrevistas realizadas por Jaqueline Schmitt que constam em seu trabalho de mestrado. Retratando estas trabalhadoras no espaço informal como sujeitos importantes da História, visto que não eram consideradas trabalhadoras, e não condiziam com o modelo de mulher, mulheres, existente no período.

**Palavras-chave:** Mulheres; Trabalho Informal; Higienismo

**Abstract:** The propose of this article is the study of women on informal space, presenting the way those workers was related with the exclusionary Florianopolis' society with the hygienist context at their lives, struggles and conquests on their routine, mainly at work. Using the bibliography about those theme and the memories of those women from 20<sup>th</sup> century, also using two interview performed by Jaqueline Schmitt, found on her dissertation. Featuring those workers on the informal space as important subjects of history, the opposite of their past, where they weren't considered workers not even the ideal model of woman, women on that period of timeline.

**Key-words:** Women; Informal Work; Hygienism

### **Women as informal workers in Florianopolis (ending of XIX century and beggining of XX one)**

“A mulher deve adorar o homem como a um Deus”.

Toda manhã, por nove vezes consecutivas, deve ajoelhar-se aos pés do marido e, de braços cruzados, perguntar-lhe: 'Senhor, que desejais que eu faça?'  
Zaratustra (filósofo persa, século VII a.C.)

#### *Introdução*

O interesse pela temática levantada surgiu em meio às aulas de Laboratório de Gênero oferecida pela Professora Cristina Scheibe Wolff, através de discussões sobre gênero e mulheres. Assim, percebi a possibilidade de uma pesquisa neste meio e englobando o trabalho

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de História pela Universidade Federal de Santa Catarina.



destas mulheres no espaço informal, caracterizado como um arsenal excludente, realçando principalmente o período de transição do XIX para XX em Florianópolis – SC.

O presente artigo se baseia numa análise das mudanças na sociedade Florianopolitana, em meio à política higienista, principalmente as experiências e lutas de mulheres trabalhadoras no espaço informal diante das medidas de “remodelação da sociedade”, de acordo com os ideais burgueses.

No final da metade do século XIX, em Desterro grandes epidemias acarretam em mudanças dos modos de viver na cidade, porém incomodava a algumas pessoas, ou seja, a elite, que almejava se diferenciar do “povo” das mais variadas formas, introduzindo novos gostos e hábitos. Aos poucos se cria a noção de “classes pobres e classes perigosas”, que dizem respeito ao modo da pobreza, visto como o “outro”, cujos maus hábitos ocasionavam no surgimento das epidemias e desordens na cidade. Concomitantemente, relaciona-se a emergência de novos padrões de comportamento que definiam condutas a serem ou não toleradas, com a identificação e a classificação dos segmentos pobres da população quão uma ameaça à ordem social, desencadeando um processo de segregação destes espaços definidos e isolados a partir de políticas de saneamento que adquiriram conotações “físicas” e “morais”.<sup>2</sup>

Por meio da pesquisa a respeito das mulheres no espaço informal, busquei retratar no presente artigo de que forma estas trabalhadoras inseridas numa sociedade excludente se relacionam com ela nos mais diversos segmentos, analisando as experiências de vida, lutas e conquistas, em vista do dia-dia no lar e o trabalho fora dele, juntamente da família.

Endossando a análise no espaço informal, hoje ser “camelô” para Jaqueline Schmitt ou costureira é ser trabalhador e trabalhadora, porém;

No início do século XX apenas era considerado trabalhador aquele que exercia atividades nas empresas, nas fábricas e até no comércio, ou melhor, aquele ligado ao trabalho formal. Assim, vendedores, lavadeiras, costureiras, carregadores que engrossavam o número de trabalhadores e trabalhadoras informais não se enquadravam entre as categorias de trabalho. Em Florianópolis, esses homens e mulheres que exerciam atividades ligadas ao setor de ‘serviço’, e que, por sua vez, não eram entendidos como ‘produtivos’, não eram considerados trabalhadores e trabalhadoras.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> NECKEL, Roselane. República em Santa Catarina – Modernidade e Exclusão (1889-1920). Editora da UFSC: Florianópolis, 2003.

<sup>3</sup> SCHMITT, Jaqueline A M. Zarbato, 2001.



A higiene e a remodelação de Florianópolis tornam-se a partir de 1910 e, mais decididamente nas vésperas da década de 1920, um dos principais elementos dos discursos e das ações administrativas republicanas.

### *Mulheres trabalhadoras numa sociedade excludente*

Em meados do final do XIX conforme nos expõe Joana Maria Pedro<sup>4</sup>, se constituiu em Desterro uma preocupação com a criação de imagens femininas de mulheres da elite. Ignorando a existência de mulheres imigrantes pobres, das mulatas e negras livres. Dentre as imagens femininas em Desterro, Pedro nos apresenta uma publicação no Jornal do comércio de 1891, que não se destacava a proprietária, a lavadeira, a mulher que escalava o peixe, que fazia farinha, que plantava, que colhia; enfim, não interessavam as inúmeras atividades que eram exercidas pelas mulheres. Somente seus papéis familiares na relação com os homens que realmente importavam. Ela pauta a construção de imagens idealizadas de mulher, no interior desse processo, as quais atestam a constituição de uma nova configuração da elite. A respeito destas construções a sociabilidade dos moradores da Ilha, notadamente em Desterro, em especial as mulheres, pois se distinguiam das mulheres do interior, por serem simpáticas e calorosas.

Essas imagens de mulheres idealizadas de mulheres estavam presentes em vários registros, como na literatura, nos sermões da igreja, os textos eram freqüentes. A imagem da mulher honrada era aquela que não saía sozinha nas ruas, senão acompanhada pelos pais, irmãos, parentes mais velhos, correspondendo às mulheres da elite, que eram somente donas-de-casa, mãe e esposa. Assim, muitas mulheres eram presas simplesmente por andarem na rua à noite. A estabilidade política e a acomodação da elite trazia de volta a preocupação com o espaço urbano e conseqüentemente maiores repressões policiais às mulheres pobres no meio urbano, uma vez que eram vistas como perturbadoras da ordem urbana.

Neste arsenal havia as quitadeiras que vendiam variados tipos de comida, especialmente em festas religiosas defronte a matriz. Elas eram um alvo constante de fiscalizações e de disputas, muitas vezes transferidas para outras localidades.

No início do século XX, o centro de Florianópolis se consolida como um “centro burguês”, destinado basicamente ao comércio e comemorações como procissões, desfiles

---

<sup>4</sup> PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994.



militares e o Carnaval. E a praça permanece como um local estratégico desse centro comercial.

Nos últimos anos do século XIX, na passagem do Império para a República as discussões acerca da ocupação do espaço público se intensificaram mudando-se assim a paisagem urbana. Poucas medidas se fazem no final do século XIX, mas muda significativamente no século XX, por conta da abertura e calçamento das ruas, a organização e a ordem e de um novo estilo de vida.

O poder público buscava impedir a livre circulação das mulheres e os inconvenientes através da política “cidade limpa e civilizada”. As mulheres extrapolavam esta política, resistindo para manter as formas costumeiras de ganho. Improvisavam formas de sobreviver para manter a família. No cotidiano vivido na rua do centro ia desde a delimitação de seus espaços até a prisão delas e de seus filhos. Para a elite a ociosidade feminina era vista como um símbolo de distinção social.

Os ofícios de polícia e as posturas municipais da época dão conta de todas, sendo esta uma tentativa de expulsar das ruas e das áreas centrais da cidade os “indesejáveis”. Procurando delimitar espaços para a circulação das famílias distintas, separados daqueles freqüentados pela pobreza urbana local.

As lavadeiras reuniam-se no trajeto dos riachos, agrupando-se nas primeiras horas da manhã, lavando nas diversas fontes e córregos da cidade, entretanto, em 1880 a Comissão Sanitária do Desterro buscava impedir que lavassem roupas nestes lugares. Estas até comerciavam com os presos da cadeia pública, além de lavar suas roupas vendiam roupas, isso de acordo com a chefia de polícia.

Quanto à prostituição, muitas mulheres sobreviviam desta profissão no espaço urbano, dentre estas tinham muitas vindas do Paraguai, juntamente com os soldados após a Guerra. No XIX, mais especificamente na década de 1970 eram freqüentemente agredidas pelos soldados. Algumas destas prostitutas consistiam em objeto de violência, sendo até mortas pelos sujeitos que as conduziam a prostituição. A denuncia dessas violências levadas a polícia não eram punidas, sob o argumento de ferimentos leves. Na polícia percebemos o descaso com a violência sofrida pelas mulheres da camada popular. Exemplo disso é o caso de uma “criolla” que apareceu grávida na cela.

Expõe-se num relatório a desqualificação das mães pobres que acusadas de não terem como sustentar os filhos e de lhes dar educação inadequada, tinham seus filhos adaptados e colocados em uma escola onde eram subalimentados e, provavelmente, tratados com muito rigor. Segundo Joana Pedro:



Estas repressões configuravam na tentativa de organizar o espaço urbano de acordo com valores burgueses, e de reformar a sociedade atendendo os anseios das elites locais; determinar os lugares dos inúmeros indivíduos que circulam no espaço urbano e controlar seus deslocamentos”.<sup>5</sup>

Segundo a autora, possivelmente muitas dessas mulheres que freqüentavam a cadeia de Florianópolis, eram trabalhadoras urbanas avulsas, exercendo inúmeras atividades que poderiam abranger a venda ambulante de artigos, trabalhos domésticos em casas alheias, lavagem de roupas, prostituição, etc., estas mulheres eram consideradas “exército de reserva”, uma vez que neste fim de século XIX e início do XX restringe-se a cada dia oportunidades de ganho a medida em que o porto de Florianópolis e, conseqüentemente o seu comércio entravam em declínio. Para se ter o controle destas mulheres colocava-se alguns dados nos relatórios de polícia a partir de 1910, como o nome da presa, cor, idade, estado civil, naturalidade, profissão, instrução, tipo de crime, data de entrada e saída. Pedro<sup>6</sup> realça a quantidade de solteiras, pois era muito superior que casadas, possivelmente, muitas dessas mulheres fossem mães, com filhos em uniões consensuais. Os valores morais eram caros e estavam presentes nesta sociedade marcando distinções sociais, sendo difíceis de serem seguidos, visto que os indivíduos deveriam possuir uma certa estabilidade financeira para casar-se.

As mulheres ditas “sem profissão” possivelmente trabalhavam em diversos segmentos como na fabricação de comidas, de objetos de adorno vendidos no centro da cidade por elas mesmas.

É importante considerar que: “as reformas urbanas das primeiras décadas do século XX, em Florianópolis, tornaram difícil, especialmente, a permanência de dois tipos de trabalhos femininos, muitas vezes executados simultaneamente: a lavagem de roupas e a prostituição”.<sup>7</sup>

Para impedir que as lavadeiras continuassem exercendo seu trabalho nos córregos que cortavam o centro urbano, e que ficavam próximos, tanto das freguesas quanto das casas, das lavadeiras, canalizaram os cursos d’água, com a retirada da população pobre das áreas centrais, acoplado às questões de salubridade e a delimitação dos espaços sociais. Deste modo, muitas lavadeiras eram presas por desordens na qual presume-se que poderiam ser brigas entre elas, resultando em ferimentos em detrimento de disputas pelos espaços nos córregos.

---

<sup>5</sup> Ibidem, p. 142.

<sup>6</sup> Ibidem, p.156.

<sup>7</sup> Ibidem, p.157.



Os jornais refletiam em 1903 sobre a preocupação em delimitar espaços higienizados para as famílias, discutindo a regulamentação ou eliminação da prostituição. Em Berlim havia a medida da polícia de se reunir todas estas mulheres em ruas fechadas por longos portões de ferro, e assim confinando a prostituição, haja vista considerava-se uma “vergonha para a sociedade”.

Os melhoramentos de Florianópolis em 1909 ocorreram de modo que foram instaladas as primeiras redes de água encanada. Em 1910 foi instalada a iluminação pública e a energia elétrica, já em 1922 foi iniciada a construção da ponte para ligar a ilha ao continente, todavia concluída em 1926.

O que caracterizou o rigor das práticas higienistas foi atingirem diretamente as classes pobres da cidade. As intervenções aconteceram principalmente em 1910 e 1930, para tornar Florianópolis numa “cidade moderna”, ao mesmo tempo se constituindo uma diferenciação social da elite e da população pobre.

As doenças eram um empecilho para o progresso da cidade, assim a questão acaba sendo agenciada. Os hábitos higiênicos, mecanismos culturais e educacionais interferiram nas camadas populares visando modificar suas costumeiras formas de sobrevivência de acordo com um tipo de trabalho determinado, remetendo à organização do mercado de trabalho que se constituía naquele momento e que demandava a necessidade de fazer indivíduos capazes de adequarem-se às regras e interesses. Processo este, que significava o abandono de valores, atitudes qual comportavam a ordem em construção. O trabalho contínuo, assíduo e remunerado na fase dos serviços prestados considerando a legítima forma de sobrevivência e de utilização produtiva do tempo, sendo defendido em discursos visando a disciplina da população, assim o poder público impôs formas “modernas” num espaço definidores de novas condutas, marginalizando a população pobre. Buscando também mudanças de comportamento, deste modo à “República e Modernização conservadora articulados impunham à população novos modos de vida”.<sup>8</sup> Assim as pessoas existiam apenas como objetos que deveria ser retificados e, se necessário retirados de cena, para que a cidade, sujeito máximo, alcançasse o “progresso” e a “modernidade”. Atendendo o desejo de desenvolvimento.

No processo de embelezamento da cidade muitas casas foram destruídas para a construção de outras de acordo com as exigências arquitetônicas, deslocando os indivíduos das camadas populares para os morros e periferia, afastando as pessoas cujos hábitos eram

---

<sup>8</sup> NECKEL, Roselane. República em Santa Catarina – Modernidade e Exclusão (1889-1920). Editora da UFSC: Florianópolis, 2003. p.65



“inadmissíveis” na sede do governo de Estado. “Para transformar Florianópolis em uma cidade civilizada não bastava apenas modificar o cenário, também era necessário alterar comportamentos e maneiras de viver”.<sup>9</sup> Começa-se a punir quem transgredir as regras. O mercado de trabalho era muito restrito (reduzido e pouco diversificado – originando os trabalhadores informais) e o projeto higiênico-sanitarista dificultou a sobrevivência na Ilha, “não era fácil viver em Florianópolis”.<sup>10</sup> As lavadeiras perdem seu espaço de trabalho pela canalização dos córregos, a água encanada e delimitação dos espaços, sendo presas por desordem. Os espaços saneados remetiam as áreas ocupadas pela elite local, pois se sentiam incomodados com a sujeira e a miséria, porém as epidemias que tanto combatiam depois de tudo continuavam existindo.

As mulheres para ajudar seus filhos deveriam sair do espaço da casa, trabalhando fora. Outras apenas procuravam o sustento dos filhos, aceitando o primeiro trabalho que surgisse, na qual muitas das vezes cuidavam de seus filhos sem ajuda de outrem.

Muitas das vezes o lar compreendia um local onde se concretizavam atividades contribuintes à renda familiar, num palco de relações de trabalho informal. Esse tipo de trabalho está ligado a constituição de alternativas para suas vidas. Porém, as atividades ditas femininas eram as no arsenal doméstico. As mulheres eram vistas como destinadas “naturalmente” para o casamento e à maternidade. Neste período, a maior dificuldade era ser pobre, negra e mulher, provendo em relutâncias femininas. As solteiras eram a grande maioria, viviam sozinhas com seus filhos, devendo cuidá-los sem ajuda de outrem. Neste aspecto, realça-se a questão de valores em vista que a mulher ideal seria a dona de casa exemplar, e assim, quem fugisse destes preceitos sofria desqualificações pela questão moral da época, um exemplo disso são as uniões consensuais.

Segundo Schmitt os relatórios de polícia de 1916 mencionam as mulheres presas, algumas sem profissão, como Maria Manoela, sem instrução e presa por desordem, ou Anna Maria, que era cozinheira e foi presa por desordem ou Anna Maria, que era cozinheira e foi presa como “vagabunda”. Estas mulheres, umas cozinheiras, outras lavadeiras, domésticas, etc., na sua maioria sem instrução, muitas vezes eram presas por embriaguez, desordem, ou até mesmo por serem qualificadas como “vagabundas”, como o exemplo citado acima. Sob esta ótica, estas desqualificações estavam relacionadas à imagem de mulher ideal ligada ao espaço doméstico.

---

<sup>9</sup> Ibidem, p.71.

<sup>10</sup> Ibidem, p.81.



A respeito da situação dos córregos eles eram imundos, neste ambiente as lavadeiras lavavam as roupas juntamente a toda espécie de detritos. Todavia, visa-se a inversão deste quadro, tomando medidas higienistas, um exemplo de medidas tomadas conduz a canalização física dos fluídos, a água encanada, o esgoto, etc., buscando o controle ameaças urbanas. O saneamento e a reorganização da vida urbana garantiriam a transformação do meio ambiente degradados a formador do bom cidadão.<sup>11</sup>

### *Memórias de trabalhadoras*

Para esta pesquisa utilizei dois depoimentos orais de mulheres trabalhadoras expondo as suas experiências, relacionando este passado ao cotidiano permeado no período de execução da entrevista. Em detrimento da sugestão à pesquisa, sob o uso da ótica de Thompson na qual expõe de forma crítica o termo na qual Marx exclui, assume características essenciais para compreendermos as sociedades e as histórias, dentre elas principalmente “experiência humana” e “cultura”, sendo que no dizer do autor, “o termo que Althusser e seus seguidores desejam expulsar”<sup>12</sup>, ou seja, expressões excluídas teoricamente.

Neste aspecto, utilizei-me de entrevistas da dissertação de Jaqueline A. M. Zarbato Schmitt<sup>13</sup>, a fim de destacar as atividades desempenhadas pelas mulheres imbricadas às relações de trabalho informal na primeira metade do século XX. Compreendendo o ambiente do lar, este se configurava num palco de concretização de atividades contribuintes para a renda familiar.

Através da pesquisa, Schmitt direciona sua análise acerca das dificuldades enfrentadas por estas no século XX, especificamente no espaço do trabalho, nos vínculos de solidariedade. Para esta autora as mulheres possuíam e continuam tendo trabalhos mais extenuantes que os homens, por dividirem o ambiente de trabalho em casa e o de fora dela.

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados, constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.

No trabalho de pesquisa com a memória analiso as versões do passado segundo Alessandro Portelli, no aspecto de que “a memória é social, tornando-se concreta apenas

<sup>11</sup> NECKEL, Roselane apud Araújo, 1989.

<sup>12</sup> Thompson, 1981, p. 182.

<sup>13</sup> SCHMITT, Jaqueline A. M. Zarbato, 2001, p. 98.



quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas”.<sup>14</sup> Em meio a isso, as narrativas do passado podem ser contraditórias e/ou semelhantes, valendo ressaltar que a interpretação do passado é feita no presente. Dependendo de como estamos vivendo nosso presente, ele acaba por influenciar na interpretação deste passado.

Cada narrativa pressupõe a história vivida pelo sujeito na qual está narrando, porém o mesmo caso pode ser colocado de maneira distinta por outros entrevistados, cabendo ao historiador problematizar as fontes em seus discursos,

Assim, a história oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconhecíveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido.<sup>15</sup>

Nos retrata Schimitt em sua conversa com Dona Hercília<sup>16</sup>, nascida, e muito tempo residente de Capoeiras (porque atualmente reside em São José, num asilo), uma mulher pobre, lavadeira, lavando para a cidade, passando a ponte a pé, buscando a roupa uma vez por semana, indo na segunda, e, retornando na sexta. A construção da ponte Hercílio Luz foi de suma importância social, econômica para Florianópolis, pois facilitou as transações comerciais e dentre outras à Ilha. Neste processo de lavagem, ela recebia a ajuda de uma outra moça, quanto ao salário “pagavam bem não”.<sup>17</sup> A sua trajetória de vida foi marcada pela luta para dar conforto a seus filhos, onde além de trabalhar de lavadeira ainda trabalhava de costureira. Seu marido faleceu muito cedo, permanecendo sozinha para cuidar de seus filhos. Visto que trabalhava bastante, restavam-lhe somente os finais de semana para cuidar de sua casa. O passado é lembrado por D. Hercília com certa amargura, pelas dificuldades encontradas em sua vida, pelo fato de ajudar seus filhos nos estudos. Atualmente suas duas filhas são professoras aposentadas. Assim, seu passado vem a ser determinado pelas lutas em busca de um futuro promissor à seus filhos, porém se entristece com a sua condição atual por estar rodeada de estranhos, segundo ela. Ao expor as suas experiências de trabalho, este é vislumbrado como uma cruz, um sacrifício que ela devia de enfrentar para poder ajudar seus filhos: “Dia feliz a gente tem quando não trabalha”<sup>18</sup>. Como era muito atarefada, raramente

<sup>14</sup> Portelli, 1981 p.16.

<sup>15</sup> Ibidem.

<sup>16</sup> Entrevista com Dona Hercília, 89 anos, realizada por Jaqueline Schimitt em novembro de 1999. In. SCHMITT, Jaqueline A M. Zarbato, 2001.

<sup>17</sup> Ibidem. Constar a pagina

<sup>18</sup> Ibidem. Constar a pagina



passeava, ou seja, deixava de descansar, não podendo desfrutar da beleza da cidade. Ao mesmo tempo em que narra o trabalho sendo um sacrifício em sua vida, ela coloca a seguinte questão: “Nós devemos trabalhar, pois o trabalho não mata ninguém”, assumindo uma colocação contraditória em sua narrativa uma vez que o ser humano é contraditório por natureza, podendo mudar a explicitação do mesmo assunto em períodos distintos no tempo. Quanto à interpretação da sua narrativa, ela pauta-se pelo abandono dos filhos, após ter feito tudo o que fez por eles, pautando sua narrativa em menção ao seu passado.

Muitas das mulheres na maioria das vezes para ajudar seus filhos deveriam sair do espaço da casa, trabalhando fora, desempenhando uma dupla jornada de trabalho, em vista da busca de um almejado futuro promissor. Outras das quais apenas procuravam o sustento dos filhos aceitando o primeiro trabalho que surgisse às quais muitas das vezes cuidavam de seus filhos sem ajuda de outrem.

Na entrevista de Jaqueline Schimitt com Dona Hercília, a busca pela mudança através da melhora de vida num futuro próximo estava marcado pela importância do trabalho em sua vida, assim expondo:

Eu não tinha tempo de notar a cidade, ia buscar a roupa. [...] Eles mandavam a roupa com sabão, eu tinha uma que me ajudava a passar, porque eu não gostava de passar. Eu tinha que lavar, passar, mas era muita roupa. Naquele tempo tinha marido trabalhando, tinha que cuidar dos filhos, estudando, tudo isso a gente precisava cuidar. Sabendo trabalhar, dava tudo certo. Pegava só a quantidade que pudesse trabalhar. Eu sozinha, mais Deus. Pegavam bem não, já viu lavadeira ganhar bem. Eu dizia para as minhas filhas, Deus há de ajudar vocês, que essa cruz há de sair, porque assim que vocês se formarem, a gente pára com isso.<sup>19</sup>

Expresso uma outra análise em vista do depoimento da entrevistada Dona Irene, na qual ressalta as suas experiências como trabalhadora,

Eu trabalhei de vendedora de flores, no centro da cidade. Eu acordava cedo, quase toda noite estava acordada, se usava das comida para as crianças, mamadeira de noite. Na época não tinha geladeira, era difícil, só gente rica. Então eu tinha fogareiro para fazer a mamadeira para aqueles que estavam chorando, vida de casada é bom, mas de solteira é melhor. Eu fui criada pelos meus padrinhos, ali na rua Tiradentes. Hoje é uma floricultura, dali saí casada.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> Ibidem.

<sup>20</sup> Entrevista com Dona Irene Maria da Silva, 91 anos realizada por Jaqueline Schimitt em novembro de 1999. In. SCHMITT, Jaqueline A. M. Zarbato, 2001.



Atualmente Dona Irene vive num asilo em São José. Relembra seu passado com amarguras, pois após tanto esforço vive num asilo. Dizendo que no seu tempo a cidade era mais bonita, relatando suas experiências, às quais se relacionava amigavelmente com seus vizinhos. E, quem lavava as suas roupas era a lavadeira. Ela trabalhou de vendedora, acordando cedo todos os dias, e, além disso, cuidando de seus filhos. Irene foi ensinada a trabalhar pela sua madrinha, pois seus pais faleceram muito jovens.

### *Conclusão*

Este trabalho configurou uma análise superficial sobre as experiências de trabalho de mulheres no espaço informal, relatando as disputas dos espaços nos córregos entre as lavadeiras, acarretando em prisões destas ditas “desertoras”, pois se relacionavam no centro urbano, lugar ao qual vislumbravam-se medidas higienistas. As medidas políticas do momento conjecturavam a tática de remodelação da sociedade de acordo com os moldes burgueses, empurrando para as periferias as classes populares.

O centro da cidade configurava-se num local estratégico de relações de poder entre indivíduos da elite florianopolitana e as classes populares as quais por sua vez estavam transgredindo este espaço.

O intuito foi de realçar a mulher trabalhadora, não destacar a proprietária, mas a lavadeira, a mulher que escalava o peixe, que fazia farinha, que plantava, que colhia; enfim, retratar as inúmeras atividades que no período estudado não interessavam ao projeto político sanitarista.

Neste realce, as atividades desempenhadas pelas mulheres no final de XIX e início de XX num ambiente de informalidade englobavam inúmeras disputas. O caso das lavadeiras e prostitutas, que vieram a driblar a fiscalização para poderem trabalhar, muitas vezes buscando um futuro promissor à seus filhos e/ou apenas sobrevivendo numa sociedade com limitadas vagas no campo de trabalho formal é demonstrativo desse processo de resistência.

Quanto à análise das memórias, um importante fator permanece dentre os valores da atividade fundamentada na pesquisa, sobretudo no meio urbano, configurando-se num ponto em que: afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, e nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: o questionamento de quem nos conduzirá em suas bifurcações e atalhos é respondido por Ecleia Bosi: “fica-nos a história oficial, em vez da envolvente trama tecida a nossa frente, só nos resta virar a página de um



livro unívoco do passado”.<sup>21</sup> Isso é o que não queremos que aconteça, resta-nos cumprir a nossa tarefa de historiador dando outros rumos para pensar historicamente.

A mesma autora nos mostra que a “memória dos velhos desdobra alguns dados conseguidos na pesquisa, deste modo, se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos”, em seu detrimento “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”.

Finalizando este trabalho o que reafirmamos é a frase de Dona Geni: Aqui o que valia era a mulher, se esperasse pelo marido ...vou dizer....<sup>22</sup> [...].

---

<sup>21</sup> BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*; São Paulo: Ateliê, 2003.p.70

<sup>22</sup> PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994.



*Referências Bibliográficas*

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*; São Paulo: Ateliê, 2003.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do Cotidiano: 2: Morar, cozinhar*. 6ª ed. Tradução: ALVES, Ephraim F.; ORTH, Lúcia Endlich: Petrópolis, Vozes, 2005.

FENELON, déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, PAULO Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (org.). *Muitas memórias e outras histórias*. São Paulo: Olho D' Água, 2004.

MENEZES. Ulpiano T. Bezerra de. *A história, cativa da memória?* Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo, nº 34, p.9-24, 1992.

NECKEL, Roselane. *República em Santa Catarina – Modernidade e Exclusão (1889-1920)*. Editora da UFSC: Florianópolis, 2003.

PAOLI, Maria C. Memória, espaço e cidadania. In: O DIREITO à Memória: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, Secretaria Municipal da Cultura, 1992. p. 27.

PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*. Florianópolis: UFSC, 1994, p.31.

PORTELLI, Alessandro. *A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*. Rio de Janeiro, UFF/ Relume-Dumará, vol. 1, nº 2, 1996.

\_\_\_\_\_. *Forma e significado na História oral*. A pesquisa como experimento de igualdade. Projeto história. São Paulo, PUC/ SP, nº14, 1997.

\_\_\_\_\_. *Tentando aprender um puquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral*. Projeto história. São Paulo, PUC/SP, nº 15, 1997.

SCHMITT, Jaqueline A M. Zarbato. *Trabalhando em Florianópolis (As práticas de trabalho e as memórias de Trabalhadores e Trabalhadoras.) 1900 – 1920*. Dissertação de mestrado na área de História pela Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis, 2001.



THOMPSON, E. P. *Miséria da Teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

*Mulheres no final de 1800*. Disponível em: <http://fotolog.terra.com.br/antigamente1:45>.  
Acesso em: 25 de maio de 2008.

